

## **A MULHER NO ENSINO DA LITURGIA: DESAFIOS E PRÁTICAS NUMA IGREJA CLERICAL E MACHISTA**

Paula Carlos de Souza<sup>1</sup>

### **Resumo**

Tendo passado pela ‘Era de Francisco’ a Igreja se pergunta sobre as conclusões de tantos processos por ele abertos. Entre eles encontramos o papel da mulher em lugares de missão, celebração e decisão. Nesse sentido, esse texto menos teórico e mais existencial, tem o objetivo de discutir a não aceitação da igreja e das instituições de educação católicas, da presença da mulher no ensino da liturgia. Partindo de uma leitura bibliográfica, nos debruçaremos sobre exemplos atuais, onde mulheres, especialistas da ciência litúrgica, estão apenas nos bastidores, não podendo ser protagonistas do ensino e da prática pastoral.

**Palavras-chave:** Gênero. Clericalismo. Igreja.

### **1 INTRODUÇÃO**

Entre os muitos desafios históricos da igreja, enquanto instituição, está a sua relação com as mulheres. Não é preciso grandes esforços para ler na história do povo de Deus, e aqui compreendemos o povo do Antigo e do Novo Testamento, que a força feminina moldou a história, rompeu sistemas e desenhou caminhos de salvação. Nos três primeiros séculos da Igreja, foram as mulheres as grandes protagonistas de uma igreja que se encontrava nas casas para celebrar a Ceia ao redor da mesa. Essas mulheres ofereceram a própria vida para defender a fé e garantir a continuidade do projeto de Deus. Com o passar dos séculos e o avanço da institucionalização da fé e da clericalização dos ritos, o rosto feminino foi colocado sempre mais na

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, mestra pelo mesmo Programa, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie – São Paulo/SP. Contato: paula.carlos@hotmail.com

condição de figurante. O Papa Francisco, durante seu pontificado (2013 – 2025), abriu processos, apontou caminhos, deu exemplos de como as mulheres podem assumir espaços de decisões, de formação, de governança. Ainda reconheceu ministérios e assegurou-nos a missão.

Esse texto, com um título um tanto quanto provocativo, é fruto de uma experiência existencial, escrito por uma mulher, não só para mulheres, mas também para homens que querem refletir sobre a presença da mulher na vida Igreja. Não é um texto que quer saber por que as mulheres não podem receber o ministério ordenado, é apenas consequência de uma inquietação que surge diante da falta de oportunidade para a inserção de mulheres, leigas e religiosas consagradas, no ensino da Liturgia em instituições de ensino superior, e da afirmação de que essa função é específica para homens e presbíteros.

## **2 A PRESENÇA FEMININA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO E NA IGREJA PRIMITIVA**

Esse breve relato começa com a história de Eva, que costumamos ler no livro de Gêneses, a mulher criada a partir da parte tirada do lado de Adão (Gn 2, 21-25), aquela cuja atenção dada a serpente fez cair o pecado sob toda a humanidade (Gn 3). Um texto que traduz o estigma da mulher como aquela pelo qual a homem se deixa seduzir pelo mal, colocando-o numa condição de afastamento de Deus e seu jardim, aliás, Ivone Gebara, ao escrever: As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina, ainda em 1989, já nos apresentava os desafios da mulher na igreja e na sociedade e a resistência a uma teologia feminista que questiona o lugar da mulher na Teologia (GEBARA, 1989). No entanto, conhecemos outras mulheres, Sara, que na velhice gerou o filho da Promessa (Gn 12), Rebeca, mulher bela, astuta e colaboradora da Promessa (Gn 27), Miriam que desde pequena garantiu a vida de seu irmão Moisés (Ex 2) e junto a ele guiou o povo rumo a terra prometida (Ex 14-15). Recordemos ainda de Lia, Raquel, Débora, Rute, Ana, Abisag (Abigail), Judite, Ester, mulheres que foram sinônimo de salvação para o povo do Antigo Testamento.

Com Maria (Lc 1, 46-55), entoamos o cântico dos esquecidos, dos humilhados, dos marginalizados, a ela nos unimos no clamor pelos empobrecidos, enquanto cantamos louvor ao Deus que se permitiu encanar na história da humanidade, transgredindo a toda e qualquer forma de soberania, para se colocar novamente junto ao seu povo. A partir de Maria recordamos as mulheres do Novo Testamento, presença feminina que junto aos apóstolos, respondem ao projeto de Deus.

Lembremos da igreja que se reunia na casa de Priscila e Áquila (1Cor 16,19; Rm 16,3-5). A casa era, para os primeiros cristãos, espaço acolhedor e missionário de partilha, de cuidados uns para com os outros e de celebrações (Rm 16,1-16). Em Romanos 16,1-16, Paulo recomenda que os cristãos de Roma acolham Febe, diaconisa da Igreja de Cencreia, pois ela é a portadora da carta aos Romanos. Febe protegeu a muitos, inclusive Paulo. Maria, aquela que se afadigou por todos (Rm 16, 6). Andrônico e Júnia (Rm 16, 7), foram companheiros de Paulo na prisão, que teve de suportar em Éfeso. Trifena, Trifosa e Pérsida são destacadas pela sua dedicação, termo que indica ministério de liderança (Rm 16, 12).

### **3 O PAPA FRANCISCO E AS MULHERES, BREVES RELATOS**

Há pouco conhecemos Francisco, o Papa, ele chegou inesperadamente e partiu aos nossos olhos e sob o silêncio de uma vida doada. Gabriel Marquim, em sua tese de doutoramento nos fez conhecer Francisco a partir de sua lógica de processos:

Francisco procura manejar tradição e renovação, de tal forma que se mantenha fiel a Tradição católica, sem deixar de lado a necessidade de abrir processos para um diálogo que procure dar respostas às delicadas questões da atualidade (Marquim, 2023, p. 157).

É a necessidade de processo que o Papa Francisco iniciou que nos ajuda a compreender sua relação da sua abertura às mulheres, sim, o papa quis que as mulheres estivessem em lugares de governo e missão, reconhecendo a Vida Religiosa Consagrada Feminina e a expertise de

tantas leigas para conduzir equipes, comissões e gerencias de grande significado na igreja. Abaixo duas nomeações que foram importantes para o reconhecimento da mulher na vida da igreja<sup>2</sup>:

Notícia 1	Notícia 2
	

**O Papa nomeia a irmã Raffaella Petrini, presidente do Governorato**

A partir de 1º de março de 2025, a religiosa franciscana ocupará os cargos aos quais o Papa a destinou no Estado da Cidade do Vaticano como presidente da Pontifícia Comissão para o Estado da Cidade do Vaticano, bem como presidente do Governorato. Sua nomeação já havia sido anunciada por Francisco em 19 de janeiro passado.

[...] entre os novos membros para o Dicastério para os bispos nomeados pelo Santo Padre, estão as Irmãs Raffaella Petrini F.S.E., secretária geral do Governorato do Estado da Cidade do Vaticano, e Yvonne Reungoat, F.M.A., ex superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora; além da doutora Maria Lia Zervino, presidente da União Mundial de Organizações Femininas Católicas...

Além das nomeações, o Papa Francisco, nos últimos anos de seu pastoreio nos deixou dois documentos que, se considerados, constituem uma abertura significativa a presença das mulheres no serviço de formação e ministério litúrgico na igreja. O primeiro deles, a Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Spiritus Domini* (2021), modificou o cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico, permitindo que cristãos leigos, inclusive as mulheres, recebam o ministério instituído do leitorado e do acolitado. Um passo que, embora pequeno, torna-se significativo quando compreendido que tais ministérios só eram concedidos a homens em preparação ao sacramento da ordem, sejam presbíteros, sejam diáconos permanentes. O segundo

<sup>2</sup> Notícia 1: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-02/papa-francisco-nomeacao-irma-raffaella-petrini-governorato.html>> Acesso em 10 de outubro de 2025  
Notícia 2: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-07/papa-francisco-nomeacao-3-mulheres-dicasterio-bispos.html>> Acesso em 10 de outubro de 2025

documento é a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi: Sobre a formação litúrgica do Povo de Deus* (2022), esta carta, embora não se faça nenhuma alteração documental, nem mesmo fale algo específico para as mulheres, nos permite verificar que ao mencionar a importância da formação litúrgica, seja nas comunidades eclesiais, seja nos seminários, seja na universidade, não há nenhum limite ou impedimento para a colaboração das mulheres nesta área específica de ensino.

Aos processos abertos pelo Papa Francisco, cabe agora o tempo de maturação, o conservadorismo presente em nossas conferências episcopais não permitiu o avanço da admissão das mulheres aos ministérios de leitorado e acolitado, não se fala mais neste assunto, a revisão do rito próprio não foi entregue às comunidades eclesiais, nem mesmo se propõe requisitos ou estabelece propostas de formação. Francisco celebrou sua páscoa em abril de 2025, a nós cabe a espera inquieta de quem ver o caminho sempre mais estreito a trilhar.

#### **4 O ENSINO DA LITURGIA E O PAPEL DA MULHER**

Era o ano de 1985 quando um grupo de mulheres ligadas aos estudos da teologia feminista escreveram um dossiê para a Revista *Concilium*, publicado no Brasil pela editora Vozes. São aproximadamente 12 artigos que dão vozes as mulheres invisibilizadas pela masculinização da igreja e da Teologia nas universidades e centros de pesquisas: “Os artigos deste fascículo abordam teologicamente as nossas experiências de mulheres enquanto silenciadas, excluídas, banalizadas e marginalizadas na Igreja por sermos mulheres” (Fiorenza, 1985, p. 5 [615]). Passaram-se 40 anos desde a publicação do dossiê e quase nada mudou até aqui. As inquietações desse grupo de mulheres são as nossas inquietações, as nossas buscas e as nossas lutas.

No campo das ciências litúrgicas a mulher foi colocada sempre ao lado, somos silenciadas por um exclusivismo autoatribuído de que a liturgia é propriedade do clero. Na prática nos tornamos secretárias, auxiliares,

coadjuvantes diante de uma hierarquia que enfraquece os processos e confirma a exclusão. Cada vez mais se observa na igreja do Brasil que a clericalização adoeceu a liturgia e consequentemente o ensino da disciplina. Esse cenário muda quando nos referimos as formações nas pequenas comunidades eclesiás, principalmente quando a articulação se faz por pessoas leigas e muitas delas também mulheres. Na base alcançamos o objetivo de compartilhar conhecimento e aprender na lida diária de uma pastoral que se faz entre angústias e alegrias.

Hoje, no Brasil, são muitas as mulheres que se dedicam ao estudo, à pesquisa no campo da liturgia, entre tantas recordamos: Ione Buyst, Penha Carpanedo, Veronice Fernandes, Míria Kolling, Laíde Sonda, Raquel Tonini etc. Mulheres corajosas e desbravadoras, enfrentaram os desafios da formação e trilham percursos sombrios para perseverarem na missão de promover uma liturgia viva, de acordo com as orientações do Concílio Vaticano II. Foram pioneiras em processos de inculturação, formação e planejamento da Liturgia. Estão na base e na articulação, mas são invisibilizadas por aqueles que se colocam como detentores do saber litúrgico. Abaixo colocamos uma combinação de imagens que apresentam um pouco desse quadro<sup>3</sup>:



<sup>3</sup> Todas as imagens foram organizadas a partir de postagens da internet, divulgações por meio de aplicativos de conversa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez possamos começar essa conclusão recordando do Papa Francisco, ele abriu processos que bradaram realidades palpáveis e que agora se amornam nas gavetas de nossas conferências episcopais e nos lugares de ensino. Podemos talvez perguntar por que na igreja do Brasil ainda não instituiu mulheres como leitoras e acólitas. Talvez possamos nos inquietar com a ausência de mulheres lecionando nas disciplinas litúrgicas-sacramentais de nossas universidades. Talvez possamos questionar as razões pelas quais somos ironizadas quando falamos da disciplina litúrgica-sacramental para seminaristas e para o clero. Na realidade estamos bem distantes do sonho de Francisco, a prática pastoral é desafiada pela negligência na formação litúrgica dos presbíteros, pela ausência de formação adequada para os cristãos leigos e leigas, pelo autoritarismo imposto pelo clero. O ensino da liturgia nos cursos de teologia estão reservados para padres, que as vezes possuem pouca formação e quase nenhuma metodologia, o reflexo das grandes universidades respingam em cursos de teologia para leigos de nossas dioceses, ali também não podemos ensinar, “são disciplinas para os padres” dizem as secretárias.

Concluímos esse texto, visitando a obra de Paula Depalma, uma argentina, doutora em Teologia Dogmática-sacramental pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo em Roma, em 2024 ela nos presenteou com seu livro: Espaços litúrgicos para mulheres: Revisar o passado, transformar o presente, desenhar o futuro. Em sua publicação, Depalma (2024), nos ajuda a fazer o percurso histórico da presença feminina na igreja a partir da liturgia do seus ritos e preces, até chegarmos aos desafios que encontramos hoje, todavia no seu escrito a autora dedica um capítulo inteiro para ler obras de outras mulheres, textos litúrgicos-sacramentais preciosos e até então desconhecidos. Com Depalma aprendemos a importância de segurarmos nas mãos, umas das outras para sermos uma presença que verdadeiramente significa no ensino da liturgia e na vivência pastoral.

## REFERÊNCIAS

- DEPALMA, Paula. *Espaços litúrgicos para mulheres: Revisar o passado, transformar o presente, desenhar o futuro*. São Paulo: Paulus, 2024.
- FIORENZA. E. Schüssler *et al.* *A mulher invisível na teologia e na Igreja*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus*. Brasília: CNBB, 2022.
- FRANCISCO. *Carta Apostólica em forma de Motu Proprio Spiritus Domini: sobre a modificação do cân. 230 §1 do Código de Direito Canônico acesso das pessoas do sexo feminino ao Ministério do Leitorado e do Acolitado*. Brasília: CNBB, 2021.
- GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MARQUIM, Gabriel Nogueira Linhares. *A tradição dinâmica: o transbordamento como estratégia do Papa Francisco para ultrapassar a polarização entre o depósito da fé e da vida*. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2023.